

Julia Teles da Silva *

O Bem Viver e perspectivas para o design sustentável

*

Julia Teles da Silva é Doutora em Design pela PUC-Rio e atualmente é Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em Design da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) e colaboradora do DeSSIn (Grupo de Estudos Design na Leitura de Sujeitos e Suportes em Interação) do PPGDesign da PUC-Rio. É mestra em Design pelo mesmo curso na PUC, bacharel em Comunicação Social (Cinema) pela Universidade Federal Fluminense e cursou três anos de Desenho Industrial na ESDI, UERJ. Pesquisa design com materiais naturais, design colaborativo e design de comunidades tradicionais.

<julitateles@gmail.com>

ORCID: 0000-0002-8532-1860

Resumo O artigo tem por objetivo estabelecer um diálogo entre o conceito de Bem Viver, ou *Buen Vivir*, e as propostas do Design sustentável. Baseado em revisão bibliográfica, o artigo começa apresentando o conceito de Bem Viver, originalmente *Sumak Kawsay* no idioma quíchua, partindo do olhar do autor equatoriano Alberto Acosta. O Bem Viver percebe o que os povos andinos e amazônicos podem nos ensinar sobre um outro modo de vida – um modo de vida menos produtivista, vendo a natureza e as comunidades como parte de um todo. O Bem Viver traz uma alternativa à proposta ocidental de desenvolvimento. Em seguida, o artigo apresenta uma revisão das propostas do Design sustentável – com as propostas de ecoeficiência, uso de materiais renováveis, criação de produtos duráveis e a proposta de compartilhamento de produtos, trazendo também as ideias de inovação social e de consumo suficiente. A partir daí, como resultado, estabelecemos convergências entre o Bem Viver e o Design Sustentável, criando uma perspectiva latino-americana para o tema.

Palavras chave Sustentabilidade, Bem Viver, Ecodesign, Comunidades Tradicionais.

Buen Vivir and perspectives for sustainable design

Abstract *The article aims to create a dialogue between the concept of Buen Vivir (Living Well) and the proposals of sustainable Design. It is based on literature review and the article starts by presenting the concept of Buen Vivir, or Sumak Kawsay, originally in Quechua language, as explained by the Ecuadorian author Alberto Acosta. Buen Vivir observes what the Andean and Amazonian peoples can teach us about another way of life - a less productive way of life, seeing nature and communities as part of a whole. Buen Vivir offers an alternative to the western proposal of development. The article then presents a review of the proposals of sustainable Design - with proposals for eco-efficiency, use of renewable materials, creation of durable products and the idea of product sharing, explaining the concepts of social innovation and of sufficient consumption. From there, as a result, we establish a convergence between Buen Vivir and Sustainable Design, creating a Latin American perspective for the theme.*

Keywords *Sustainability, Living Well, Ecodesign, Traditional Communities.*

Buen Vivir y perspectivas para el diseño sostenible

Resumen *El artículo pretende establecer un diálogo entre el concepto de Buen Vivir y las propuestas de Diseño sostenible. Basado en una revisión bibliográfica, el artículo comienza presentando el concepto de Buen Vivir, originalmente Sumak Kawsay en quechua, desde la perspectiva del autor ecuatoriano Alberto Acosta. Buen Vivir observa lo que los pueblos andino y amazónico pueden enseñarnos sobre otra forma de vida: una forma de vida menos productiva, viendo la naturaleza y las comunidades como parte de un todo. Buen Vivir trae una alternativa a la propuesta de desarrollo occidental. A continuación, el artículo presenta una revisión de las propuestas del Diseño sostenible - con las propuestas de ecoeficiencia, uso de materiales renovables, creación de productos duraderos y la propuesta de compartir productos, trayendo también las ideas de innovación social y consumo suficiente. A partir de ahí, como resultado, establecimos convergencias entre Buen Vivir y Diseño Sostenible, creando una perspectiva latinoamericana para el tema.*

Palabras clave *Sustentabilidad, Buen Vivir, Diseño Ecológico, Comunidades Tradicionales.*

Introdução

No campo do Design sustentável, há fortes críticas ao modelo industrial de produção e consumo. Um modelo ocidental, que nasce na Inglaterra no século XVIII e se desenrola até os dias de hoje. O Design sustentável vem crescendo e repensando esse modelo industrial tradicional, buscando alternativas a ele. No entanto, acreditamos que as críticas e as alternativas pensadas ainda seguem um modelo fortemente europeu-ocidental.

No Brasil e em toda a América Latina, pode-se perceber uma incrível força de soluções vindas de culturas nativas de outras regiões do mundo, sobretudo das Américas. Na Amazônia brasileira, as aldeias indígenas têm uma cultura de produção material coletiva, usando materiais locais. Esse tipo de produção, embora ameaçado por produtos industriais que chegam cada vez mais baratos a lugares distantes dos grandes centros, ainda pode ser encontrado por todas as Américas, vindo de tradições locais ancestrais. Do semiárido à Amazônia brasileira, dos Andes ao deserto do Atacama, de Chiapas às regiões áridas do México.

Com toda essa riqueza de soluções produtivas, por que os parâmetros para se pensar o Design Sustentável seguem sendo parâmetros ocidentais? Para se falar sobre soluções comunitárias de design, por que se costuma ter como referência autores europeus, que têm como parâmetro a Europa industrial moderna?

E o campo do Design sustentável, conforme veremos, tem ido para além do objeto e tem pensado soluções que envolvem as relações sociais e um novo paradigma ético.

Diante desse cenário, veremos que o Bem Viver, uma proposta que traz novas perspectivas de sociedade, tendo como base as sociedades indígenas das Américas, tem muito a contribuir para o campo do Design Sustentável nas Américas. O presente artigo tem por objetivo apresentar um diálogo entre Design Sustentável e o Bem Viver mostrando contribuições e aportes que o Bem Viver pode trazer ao campo do Design.

Como metodologia, o artigo é baseado em revisão bibliográfica, tomando como base o conceito de Bem Viver apresentado por Alberto Acosta e usando diferentes autores para falar de design e sustentabilidade, sobretudo Ezio Manzini. O artigo começa apresentando um breve panorama do pensamento do Design Sustentável e em seguida apresenta sucintamente a proposta do Bem Viver, conforme apresentada pelo autor Alberto Acosta. A partir daí, podemos pensar diálogos possíveis.

Elementos para um diálogo

Começamos por apresentar os elementos que entrarão em diálogo: o Design Sustentável e o Bem Viver – ambos apresentando uma proposta de mudança radical na forma de se produzir e consumir.

O Design Sustentável: da ecoeficiência a uma nova ética

No campo do Design sustentável, há uma crescente percepção de que é preciso uma mudança de parâmetro quanto à nossa forma de produzir e consumir. São diferentes desafios que se colocam no caminho para a criação de um Design sustentável.

Na concepção modernista industrial, a visão era de que o acesso a uma maior quantidade de produtos e a produtos melhores levaria a um padrão de vida melhor. Tratava-se de um modelo industrial centralizado, planejado de baixo para cima e baseado na lógica do progresso, da racionalidade produtiva e com projeto de modernização. (MORAES & FIGUEIREDO in: MORAES & KRUCKEN, 2009)

Dentro dessa lógica produtiva, o Design contribuiu buscando criar produtos que tornassem a vida mais agradável ou mais fácil, em uma lógica que se perpetuou progressivamente ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX.

No entanto, nas últimas décadas, diante do imperativo ecológico, com o esgotamento de recursos naturais e geração insustentável de descartes e poluição, os parâmetros para a criação de produtos vêm sendo repensados pelo campo do Design.

O primeiro passo tomado pelos designers é a tentativa de redução de danos – buscar fazer o mesmo a partir de menos matéria-prima, gerar menos descarte, otimizar a produção, aumentar a durabilidade do produto. O eco-design trabalha no sentido de minimizar os impactos, criando sistemas mais eficientes. A estratégia ecoeficiência consiste em utilizar menos matéria-prima e energia e gerar menos lixo e poluição do que os sistemas industriais tradicionais. Esta estratégia diminui os impactos ambientais, mas ainda não é ideal, pois a indústria continua gerando impacto no ambiente e segue dependendo de fontes de energia não renováveis – apenas em uma escala um pouco menor.

Além disso, o aumento da eficiência como estratégia ambiental é uma proposta criticada por não fugir da lógica da racionalidade econômica, que propõe criar mais *output* a partir de menos *input*. Este tipo de estratégia está ligada à ideia de que a sustentabilidade pode ser uma grande aliada da economia, servindo de estímulo para a competitividade e racionalidade produtivas. Não há uma quebra do paradigma de crescimento da produção,

que é o que deve ser colocado em questão. Pois por mais que se diminua a quantidade de matéria-prima e energia utilizadas, esta diminuição será compensada pelo crescimento econômico. Historicamente, as novas tecnologias sempre aceleraram o ritmo de consumo de bens naturais, em vez de diminuir. (LÉNA, 2012)

Uma outra estratégia usada é a de se priorizar o uso de matérias-primas renováveis e biodegradáveis, a fim de se criar um produto que possa voltar para a natureza ao final da vida útil.

Para produtos que não sejam biodegradáveis, são pensadas formas de se aumentar sua vida útil o máximo possível, para evitar o descarte e a substituição acelerados. Assim, a criação de produtos facilmente desmontáveis, com peças que possam ser substituídas são estratégias importantes para aumentar a durabilidade do produto.

Todas essas estratégias de redução de impacto de um produto são uma iniciativa importante, mas também não colocam em cheque a lógica de crescimento da produção e consumo, não criando de fato um caminho para a sustentabilidade. O uso de materiais biodegradáveis e a reciclagem são atitudes positivas, porém, se a produção e o consumo forem sempre crescentes, em um modelo desenvolvimentista, o impacto ambiental também não para de crescer.

Um próximo passo que o Design sustentável vem pesquisando e propondo é o compartilhamento de produtos. Vários pensadores propõem a ideia de se buscar o uso de bens comuns, que podem ser usados em espaços compartilhados, em oposição ao consumo individual. O bem-estar não deveria estar ligado ao consumo de objetos, mas ao usufruto dos mesmos e à possibilidade de socialização. A vida comunitária é importante para a ideia de sustentabilidade – e as pessoas podem compartilhar não apenas os seus bens, mas as suas habilidades e os serviços que estão aptas a prestar. Há também o chamado Sistema Produto/Serviço, em que uma pessoa compra um serviço que advém de um produto, mas não o produto em si, que será compartilhado por muitos usuários. Serviços como aluguel ou compartilhamento de carros, transporte público, lavanderias coletivas, bibliotecas – todos são opções de usufruto de um produto sem a sua posse individual.

Ezio Manzini (2017) fala de ‘inovações sociais’, para designar soluções em que as pessoas de uma comunidade se juntam para resolver uma situação de forma criativa e coletiva – são soluções criadas ‘de baixo para cima’, ou seja, de forma comunitária, independente de grandes instituições.

Definimos inovações sociais como novas ideias (produtos, serviços, modelos) que atendem a necessidades sociais e, ao mesmo tempo, criam novas relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que são boas para a sociedade e também ampliam a sua capacidade de ação. (MANZINI, 2017, p. 25)

Temos como exemplos a divisão de espaços e tarefas coletivas, como o compartilhamento de moradia, em que, por exemplo, jovens estudantes podem morar com idosos, a creche parental, em que alguns pais se unem para dividir o cuidado dos filhos, as feiras de comida em que se pode comprar diretamente dos produtores.

Para Manzini, essas soluções coletivas são inovadores e apresentam um novo modo de fazer, sendo mudanças radicais que acontecem na escala local e “representam descontinuidades em seus contextos por desafiar os modos tradicionais de fazer” (MANZINI, 2008, p. 63)

É interessante observar que o que Manzini chama aqui de ‘modos tradicionais de fazer’, em que cada pessoa ou núcleo familiar resolve seus problemas sozinhos e as grandes instituições resolvem os problemas da coletividade, na verdade é uma tradição do ocidente moderno. Podemos recorrer a outras tradições, vivas na atualidade, para nos inspirarmos em modos de vida comunitários, como a tradição nativa das Américas.

Manzini explica também esse tipo de solução resgata muito das tradições pré-industriais, mas atualizando-as – conhecimentos e práticas antigas, associados a ferramentas e contextos atuais, gerando práticas criativas e inovadoras. São soluções que trazem benefícios sociais para a comunidade, reforçando as trocas entre as pessoas ao mesmo tempo em que propõem um modo de vida mais sustentável. Os bens comuns, a comunidade local, a colaboração e o ritmo lento são valorizados. (Ibid)

A partir daí, busca-se a criação de novos parâmetros de consumo, que estão relacionados a outros modos de vida possíveis. Estes outros modos de vida estão vinculados a uma ética de cuidado com o meio-ambiente, em que a natureza não é vista apenas como um objeto a ser explorado. A importância de uma ética ambiental vem sendo reiterada por autores que pensam o Design Sustentável:

A ética seria então o fundamento para a preservação e conservação do meio-ambiente em vários sentidos e caminhos possíveis. Ela seria a base para a proteção da dignidade do ser humano com sua cultura e valores intrínsecos para uma vida sustentável no planeta Terra. Sendo assim, o projeto de mudança só se consolidará se repensarmos os conceitos éticos. (MORAES & FIGUEIREDO in: MORAES & KRUCKEN, 2009, p. 52)

A ética passa por repensar nosso modo de vida, questionando o padrão de consumo. Aguinaldo dos Santos explica que rever as necessidades de consumo é um passo importante em direção à sustentabilidade, com cada pessoa buscando consumir apenas o suficiente. Cada um deveria rever seu estilo de vida e hábitos de consumo

buscando aproximar o consumo das necessidades reais de cada indivíduo e dos limites de resiliência do planeta terra (exemplo: não tomar aquele copo de café; utilizar mais a luz natural; não utilizar o carro). (SANTOS, in MORAES & KRUCKEN, 2009, p. 28)

Assim, para um Design sustentável, deveria haver uma mudança de percepção da sociedade de que é preciso um aumento no nível de consumo para se poder ter uma melhor qualidade de vida. Seria necessária uma mudança social ampla. Com novos parâmetro, perceberíamos que há muitos bens de consumo que poderiam ser dispensados sem implicar em uma vida mais sacrificada.

No entanto, é importante colocar um pequeno adendo aqui. No campo do design sustentável, quando se fala em redução do consumo, essa proposta não costuma ser colocada em uma perspectiva mais ampla. O aumento constante no volume de consumo faz parte das engrenagens da nossa economia. Se houver redução do consumo, a proposta seria a de uma redução progressiva e consciente do consumo de recursos naturais. É importante pensar, no entanto, que essas propostas precisam estar inseridas em um pensamento maior, uma vez que no atual sistema, redução no consumo significa crise. O crescimento econômico é essencial para sustentar uma moeda baseada em crédito, base do nosso sistema bancário. Assim, apesar de necessário, a proposta do consumo suficiente é ingênua se não pensada junto a um contexto maior. (HOLMGREN, 2009)

Assim, ocorre um processo de “ecomodernização” e de proliferação de novos discursos que não questionam os paradigmas do crescimento (e.g., crescimento verde) e do desenvolvimento (e.g., desenvolvimento sustentável), mas cooptam a pauta ambiental para a manutenção do sistema. O capitalismo, contudo, não pode solucionar os problemas por ele mesmo criados.”(PEREZ et AL, 2019, p. 236)

Percebemos que tornar a produção industrial globalizada sustentável não é tarefa simples, pois nos coloca diante de alguns impasses. Desta forma, nos deparamos com o desafio de repensar parâmetros econômicos e sociais de maneira mais ampla. O conceito de Bem Viver pode trazer aqui uma boa contribuição.

O Bem Viver

O Bem Viver, ou *Buen Vivir*, originalmente *Sumak Kawsay*, é uma expressão oriunda do idioma indígena quíchua, dos povos andinos, havendo também expressões similares em aymara, guarani e entre outros povos indígenas americanos. Trata-se de uma visão de mundo e de sociedade, uma postura diante da vida própria dos povos nativos das Américas. “O Bem Viver é, então, a essência da filosofia indígena ou nativa, em sentido amplo, pois se aplica a tudo o que é relativo a uma população originária no território que habita”. (Acosta, 2016, p. 76) Uma visão de vida comunitária, em que se constrói com o próximo e não é interessante ter mais do que o vizinho. Um modo de vida em que a natureza não é vista como objeto, mas como sujeito. O Bem Viver parte das

distintas maneiras de ver a vida e sua relação com a *Pacha Mama*. Aceita como eixo aglutinador a relacionalidade e a complementariedade entre todos os seres vivos – humanos e não-humanos. (Ibid, p. 74)

A proposta do Bem Viver foi incorporada à Constituição do Equador de 2008 e a proposta análoga do Vivir Bien foi proposta pelo governo boliviano.

O Bem Viver questiona o conceito de desenvolvimento e a ideia de que ele seria benéfico. Afinal, o que seria um mundo plenamente desenvolvido? O êxito do desenvolvimento no mundo deveria ser temido, visto que um mundo totalmente desenvolvido seria um mundo em que a diversidade das tradições locais seria superada. As tradições nativas de povos ribeirinhos, povos andinos, povos do deserto, não caberiam em um mundo desenvolvido. O desenvolvimento seria, então, a imposição da ocidentalização ao mundo.

O resultado [do desenvolvimento] tem sido uma tremenda perda de diversidade. A simplificação planetária da arquitetura, da indumentária e dos objetos de vida diária salta aos olhos; o eclipsamento paralelo de linguagens, costumes e gestos diversificados, porém, é menos visível; e a homogeneização de desejos e sonhos ocorre profundamente no subconsciente das sociedades. (Ibid, p. 81)

Fazendo uma breve relação com o campo do design – essa perda de diversidade fica visível. Há uma crescente migração para materiais e objetos industrializados, feitos com materiais processados de forma centralizada pela indústria. Materiais tradicionais locais e formas de artesanato regionais vão sendo perdidas. Por essas perdas de tradições, o Bem Viver traz esse questionamento.

O desenvolvimento é um conceito europeu e os povos indígenas não têm essa visão da vida como um processo linear, em que haveria um progresso contínuo de um estado a outro – com o ideal de que, atingindo o desenvolvimento, todos atingiriam o bem-estar. Na perspectiva do Bem Viver, não faz sentido trabalhar e gerar riqueza para no futuro se poder viver melhor – trata-se de viver bem no presente, mas sem comprometer as gerações futuras.

O Buen Vivir não diz respeito a aumentar a qualidade de vida da população, mas se trata de uma construção coletiva de uma outra nova forma de vida (BLANCO & AGUIAR, 2020). Tem pontos em comum com a proposta da inovação social, já que se trata de uma inovação construída coletivamente. Porém, o ponto de partida de uma epistemologia e uma visão de mundo ameríndias o distingue da inovação social.

BLANCO & AGUIAR (Ibid) colocam que a própria existência dessas sociedades, que funcionam fora da lógica do crescimento capitalista (ou ao menos parcialmente fora), já põe em questão o discurso dominante de que aquele seria o único caminho possível, a ordem natural do progresso.

Alberto Acosta (2016) lembra que o geógrafo alemão Alexander von Humboldt, que fez viagens exploratórias pelas Américas entre os séculos XVIII e XIX, ao ver os indígenas do Equador vivendo sem explorar suas riquezas minerais, afirmou que eles eram como ‘um mendigo sentado sobre um saco de ouro’. Percebemos ali uma visão ocidental de objetificação da natureza – uma visão desenvolvimentista que não percebe a riqueza de um modo de vida em harmonia com a natureza.

Assim, o Bem Viver apresenta uma alternativa que parte das nacionalidades indígenas, daqueles que são tradicionalmente marginalizados e excluídos – apresenta um caminho que há de ser construído, mas que ao mesmo tempo já é um caminho que vem sendo trilhado há milênios. Um estilo de vida em que as comunidades vivem em harmonia com a natureza.

É uma proposta que não nega a pluralidade – não há um caminho único que todos devem seguir:

O Bem Viver não sintetiza uma proposta monocultural: é um conceito plural – bons conviveres, como já anotamos – que surge das comunidades indígenas, sem negar as vantagens tecnológicas do mundo moderno nem as contribuições de outras culturas e saberes que questionam distintos pressupostos da modernidade. (Ibid, p. 45)

O Bem Viver propõe uma outra economia, baseada na solidariedade e nos laços comunitários. Uma economia que garanta relações de harmonia entre as pessoas e das pessoas com a natureza, garantindo a preservação do meio-ambiente. A proposta é de se fortalecer o comércio local e as tecnologias locais, sem negar as trocas de conhecimento e tecnologias. Mas a proposta é de se superar a economia extrativista de matéria-prima, posição

a que costumam ser relegados os países periféricos. “Enquanto no Norte Global se propõe de maneira séria e responsável o urgente decrescimento econômico, o pós-extrativismo é o caminho a ser seguido pelo Sul global”. (Ibid p. 235) O autor explica que o extrativismo deixa para as populações indígenas e as populações marginalizadas em geral uma terra mais degradada e contaminada e não traz qualquer enriquecimento para o povo – toda a riqueza é exportada. Portanto, seguir no caminho do extrativismo não é uma boa alternativa a longo prazo. Assim, em lugar de se buscar produzir mais através do extrativismo, é necessário reduzir a produtividade e o consumo, sem com isso, ter uma piora na qualidade de vida.

Lembremos que os próprios Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU não abarcam a esse olhar, uma vez que não questionam o modelo de desenvolvimento baseado no crescimento, nem colocam a importância da valorização dos saberes das comunidades tradicionais. Para os ODS, a redução da pobreza aconteceria como consequência do crescimento econômico, o que recebeu muitas críticas de ambientalistas e economistas. Os ODS também não levam em conta indicadores propostos pelos saberes tradicionais de diferentes continentes, como o Bem Viver na América Latina e o *Ubuntu*, na África e o *Swaraj* na Índia. (KOTHARI, 2015)

Acosta explica que entre os indígenas andinos, há uma série de práticas de solidariedade, ajuda mútua, troca de trabalhos e bens não monetizados. Por exemplo, é comum as comunidades organizarem mutirões para fazer uma melhoria em uma área de uso comum – ou mutirões para plantar a terra de uma pessoa – e essa ajuda ser retribuída mais tarde – dentre outras práticas solidárias.

O conceito de Bem Viver encontra semelhanças com as propostas de Ivan Illich, pensador austríaco que critica os rumos que tomaram nossa sociedade, cada vez mais institucionalizada, e que tira a autonomia das pessoas e comunidades de gerenciar e produzir o necessário para suas próprias vidas. Como alternativa, Illich (1973) cria o conceito de convivencialidade, uma proposta que reitera a importância das trocas entre as pessoas. Illich traz a proposta de sociedade convivencial, que não seria um puro retorno à sociedade pré-industrial, pois muitas das novas ferramentas industriais seriam incorporadas, mas seria uma sociedade em que as pessoas teriam participação mais ativa em todos os aspectos da vida e contariam mais umas com as outras e menos com as máquinas. Para o autor, no atual sistema, as decisões são tomadas de forma centralizada. Na sociedade convivencial, cada pessoa poderia se expressar, e a coletividade teria o poder de tomar as decisões. Nessa sociedade, as trocas interpessoais teriam maior presença – as pessoas teriam que reaprender a depender umas das outras, em vez de depender da indústria. Elas deveriam compreender que podem ser mais felizes se trabalharem juntas e prestarem assistência mútua (ILLICH, 1973).

Vemos, tanto na Convivencialidade quanto no Bem Viver, propostas de alternativas ao produtivismo industrial e à perda de senso de comunidade e autonomia das comunidades. São propostas que questionam o modelo de desenvolvimento e acreditam na importância da construção alternativas ao desenvolvimento. As comunidades não devem criar formas para aumentar a sua produtividade, mas devem aumentar a sua autonomia -

devem deixar seu papel passivo no uso de bens e serviços coletivos de saúde, educação, transporte, etc., impulsionados coordenada e consensualmente na escala local-regional. (ACOSTA, 2016, p. 171)

BEM VIVER E DESIGN SUSTENTÁVEL

Percebemos, tanto na proposta do Bem Viver, conforme apresentada por Alberto Acosta, quanto nas propostas do Design Sustentável, uma profunda inquietação diante do modelo produtivo atual – um modelo predatório, de destruição da natureza, em constante crescimento. Todo processo econômico deve respeitar os limites e a finitude da biosfera. Segundo Acosta, as alternativas a esse modelo devem ser buscadas de forma participativa. (Ibid, p. 173)

Não há receita pronta para essa transição, mas há diferentes movimentos de busca de alternativas – e podemos ver muitos pontos em comum entre as duas propostas apresentadas. Como vimos, o campo do Design Sustentável vem pensando em mudanças possíveis para se atingir um modo de vida mais sustentável. E conforme visto, esse pensamento vem evoluindo não apenas na criação de novos produtos que causem menos impacto, mas novas formas de relações sociais e uma nova ética – havendo mais compartilhamento, trocas e um modo de vida com menor consumo material.

Vimos também que essa redução de consumo tem implicações econômicas – o que pode gerar impasses para o Design Sustentável – a única forma de se criar um Design de fato sustentável é saindo da lógica de crescimento da produção – ele deve entrar na lógica de uma outra economia. É aí que o Bem Viver pode aliar-se ao Design Sustentável, uma vez que ele traz uma proposta de economia alternativa à do crescimento contínuo e que tenha sustentabilidade ambiental como premissa:

Essa economia, então, deve ser ambientalmente sustentável. Ou seja, deve assegurar desde o início e em todo momento processos econômicos que respeitem os ciclos ecológicos, que possam manter-se no tempo sem ajuda externa e sem que se produza escassez de recursos. E também deve ser sustentável em termos sociais, o que implica um sólido pilar democrá-

tico (...). É preciso consumir diferente, melhor e, em alguns casos, menos, obtendo melhores resultados em termos de qualidade de vida. Deve-se construir outra lógica econômica, que não radique na ampliação permanente do consumo em função da acumulação do capital. (Ibid, p. 164 -165)

Essa outra lógica requer o fortalecimento de espaços comunitários – investindo nas trocas e na economia locais, unindo campo e cidade de uma mesma região, criando um mercado forte entre as comunidades. Deve-se superar a economia dependente de exportações de matéria-prima e consumo crescente de produtos industrializados.

No campo do Design, esse fortalecimento da economia local pode significar o fortalecimento do artesanato com recursos naturais locais e os compartilhamentos de bens em espaços comunitários. Esse fortalecimento local não é uma negação de novas tecnologias – o conhecimento deve continuar a ser compartilhado, mas a produção deve ser local dentro do possível:

Mudar os padrões tecnológicos para recuperar e incentivar alternativas locais, sem negar as valiosas contribuições que podem vir do exterior, especialmente das chamadas tecnologias intermediárias e ‘limpas’. Grande parte destas capacidades e conhecimentos locais está nas mãos de comunidades e povos que, por decisão, tradição ou marginalização, se mantiveram fora do padrão tecnológico ocidental e utilizam e inventam opções para facilitar o trabalho produtivo e o consumo de produtos locais, artesanais e orgânicos. (Ibid, p. 172)

Vimos também que o Bem Viver busca nas tradições indígenas um exemplo de sociedade e economia em harmonia com a natureza, com seu modo de vida comunitário, de compartilhamento e respeito aos ciclos naturais. Estando nas Américas, que possui tradições indígenas ancestrais com modos de vida em harmonia com a natureza, temos muito a aprender com essas tradições na construção de um Design sustentável.

Alberto Acosta explica que o desenvolvimento é um projeto de ocidentalização do mundo e que devemos pensar em alternativas a ele – alternativas que podem ser encontradas em soluções vividas pelos povos indígenas americanos há milênios. Vemos aqui a importância da valorização das tradições indígenas, suas práticas e conhecimentos, em lugar de reiterar o lugar colonizado da busca de alternativas sustentáveis observando novas tendências europeias – até porque grande parte da população dos países periféricos nunca atingiu o padrão de consumo do mundo desenvolvido ocidental.

Apesar de trazer contribuições importantes, quando Manzini fala em Comunidades Criativas e Inovações Sociais, ele considera que elas ocorrem mais em economias industriais desenvolvidas, onde ocorre o que ele chama de ‘economia do conhecimento’ – “até agora, as comunidades criati-

vas e os empreendimentos sociais difusos foram observados principalmente naquelas regiões do mundo onde a economia do conhecimento é bastante desenvolvida. Todavia, não devemos daí deduzir que comunidades criativas só podem ser encontradas nesses países”. (Manzini, 2008, p. 74). O autor também explica que em países em que as comunidades tradicionais ainda estão presentes de maneira mais forte, a trajetória para a inovação social pode ocorrer de maneira mais direta, sem passar pelo modelo de sociedade individualista pelo qual os países ricos passam (Manzini, 2017).

A trajetória dos países do Sul global, especificamente na América Latina, não pode ser entendido como um caso específico em uma trajetória em direção à modernidade, pois tem características próprias. Temos tradicionalmente exemplos de comunidades baseadas na colaboração e que vêm se reorganizando diante de novas ferramentas introduzidas pela modernidade. E é importante trabalharmos com a riqueza presente aqui, e não aspirar a seguir o exemplo vindos de países considerados desenvolvidos.

Thackara (2015), acredita que é importante observarmos os ensinamentos de movimentos como o Bem Viver. Ele explica que a noção de Bem Viver é diferente da noção ocidental de Bem Estar, incluindo não apenas os seres humanos, mas todos os seres vivos. O autor observa que esses movimentos, que nascem das periferias do mundo, têm muito a nos ensinar sobre uma outra sustentabilidade, que não esteja baseada na lógica do crescimento.

Conforme vimos anteriormente, autores que pesquisam o Design sustentável vêm propondo uma mudança de padrão de consumo – indo além de se consumir de forma eficiente, propondo alcançar o consumo suficiente – em que se pode abrir mão de consumir aquilo que não seja necessário. O Bem Viver também propõe a suficiência como caminho para a sustentabilidade:

Antes do que se imagina, haverá que se dar prioridade a uma situação de suficiência, em que se busque o bastante em função do que realmente se necessita, em vez de uma sempre maior eficiência sustentada sobre as bases de uma incontrolável competitividade e um tresloucado consumismo, que põem em risco as próprias bases da sociedade e da sustentabilidade ambiental. Bem Viver não é sinônimo de opulência. “Melhor com menos” poderia ser seu lema. (Ibid, p. 176)

“Melhor com menos” também pode ser um lema para o Design sustentável – mas não se limitando a aumentar a eficiência da produção e otimização dos produtos. E sim indo além e saindo do hábito de se adquirir mais a fim de se viver melhor – buscando compartilhar produtos e usar apenas o essencial. E é importante lembrar que o hábito de se consumir muito é bastante recente na história da humanidade e que grande parte dos povos indígenas seguem vivendo o consumo suficiente. E que de toda forma, os setores marginalizados da sociedade já estão excluídos da lógica do consumo crescente – mas não estão excluídos das terríveis consequências ambientais.

CONCLUSÃO

Pudemos ver, nessa breve exposição sobre o Design sustentável e o Bem Viver, que essas duas propostas têm muitos pontos de convergência, sendo que o Bem Viver traz um campo mais amplo ao Design sustentável, por propor novos parâmetros na economia, política e sociedade.

Além disso, o Bem Viver traz uma perspectiva latino-americana aos problemas da sustentabilidade e da mudança de paradigmas da sociedade. Não devemos olhar para os países capitalistas desenvolvidos como exemplo a ser atingido – os problemas deles são diferentes e as soluções também – devemos olhar para as soluções existentes no continente, a riqueza social aqui presente há milênios. As comunidades tradicionais, que sobrevivem à colonização, convivem com a natureza local e preservam a natureza em seus territórios.

As tarefas cotidianas são executadas de forma coletiva e a produção de objetos – de casas a potes de barro – costuma ser feita em grupo, não havendo um senso de autoria das obras. O conhecimento acerca dos materiais da natureza local também é muito grande – as diferentes sementes, madeiras, argilas, fibras, cada uma com suas características próprias.

Por todas as Américas, há exemplos de modos de produção solidários e saberes materiais ancestrais – de extração de fibras naturais, pigmentos naturais, tecelagem, construção. Costumamos ver presentes o modo de produção coletiva e o profundo conhecimento dos materiais. Modos de fazer, de aprender e ensinar que não são institucionalizados, mas que representam uma riqueza própria. Acreditamos que todo esse conhecimento e esse modo de fazer que deveria estar na base do Design sustentável latino-americano.

Como fala Alberto Acosta sobre o Bem Viver, podemos dizer que o Design sustentável, nessa perspectiva, é ao mesmo tempo um caminho que deve ser imaginado e construído e que já é uma realidade.

Referências

- ACOSTA, A. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Ta-deu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- BLANCO, J. P. & AGUIAR, E. P. El Buen Vivir como Discurso Contraegemónico. Pos-desarrollo, indigenismo y naturaleza desde la visión andina. Mana vol.26 no.1 Rio de Janeiro 2020 Epub Apr 30, 2020.
- HOLMGREN, D. Future Scenarios: How Communities Can Adapt to Peak Oil and Climate Change. Canada: Chelsea Green Publishing, 2009.
- ILLICH, I. A convivencialidade. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973.
- KOTHARI, A. A flawed agenda for development. In: The Hindu Business Line, 26/09/2015.
- LÉNA, P. Os limites do crescimento econômico e a busca pela sustentabilidade: uma introdução ao debate. In: Léna, P. e Nascimento, E.P. (orgs.), Enfrentando os limites do crescimento – sustentabilidade, decrescimento e prosperidade. R. Janeiro, Garamond, 2012. (p. 23-43)
- MORAES, D. & KRUCKEN, L. (orgs) Caderno Avançado de Estudos em Design: Sustentabilidade II. Ed. UEMG, 2009.
- MANZINI, E.. Design para Inovação Social e Sustentabilidade: Comunidades Criativas, Organizações Colaborativas e Novas Redes Projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.
- MANZINI, E. Design, quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2017.
- PEREZ, I. U.; MOURA, M.; MARTINS, S. B.; Inovação Social decrescimento: desenvolvendo alternativas, p. 231-242 . In: . Anais do Simpósio Brasileiro de Design Sustentável, São Paulo: Blucher, 2019.
- THACKARA, J.. How to Thrive in the Next Economy: Designing Tomorrow's World Today. London: Thames & Hudson, 2015.

Recebido: 08 de janeiro de 2021.

Aprovado: 10 de fevereiro de 2021.